

A ILLUSTRACÃO

MUSO-BRAZILEIRA.



REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — CARLOS JOSE CALDEIRA. — CASIMIRO ABREU. — ERNESTO BIESTER. — F. GOMES D'AMORIM. — F. PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALLO. — FRANCISCO ROMANO GOMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. M. DE SOUZA MONTEIRO. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO.

Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA: — Anno 35600 rs. — Semestre 15920 rs. — Trimestre 15000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM 21. — SABBADO, 24 DE MAIO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 45000 — Semestre 25100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 55000.

SUMMARIO.

Jorge, romance contemporaneo (continuação) — A Academia das Bellas Artes (continuação). — Os cães e a raposa. — Um conto de Hoffmann (continuação). A memoria da exm.^a sr.^a D. Maria Gertrudes. — Villa d'Alhandra. — Gabinete de mr. de Lamartine. — Vasos antigos. — Viagens, Ilhas dos Açores. — Receios. — O chopo e o riacho. — Viagem d'elrei o senhor D. Pedro v (continuação). — Chronica semanal. — Bibliographia.

GRAVURAS, A villa d'Alhandra. — Gabinete de mr. de Lamartine. — Pescadores tarlaros. — Vasos antigos.

JORGE.

ROMANCE CONTEMPORANEO. 4

IX

(Continuado do n.º 19.)

Decorreram alguns dias, durante os quaes Georgina foi progressivamente recuperando as forças; todavia o seu estado era ainda delicadissimo; a doença tinha deixado vestígios fataes, e o olho prescrotador da sciencia descobrira symptomas aterradores para o futuro. Era forçoso abandonar aquelle paiz, e partir para um clima mais ameno; segundo a opinião dos medicos uma viagem de mar seria de grande conveniencia. Jorge determinou-se a partir immediatamente para a Madeira. Georgina quiz debalde resistir, — era tarde, a sua vida estava ligada para sempre á d'aquelle homem. Deveres, considerações, memorias sagradas, tudo se desvaneceu em presença desse amor impetuoso, e ardente, como desmaiavam, e se desvanecem no ceu as estrellas, assim que os raios fulgurantes do sol vem rompendo no horizonte.

Agora será escusado dizer ao leitor quaes eram os dois personagens que trazia a seu bordo aquella elegante embarcação, que vimos fundear ao cair de uma bella tarde em frente da ilha da Madeira.

Como são nossos intimos conhecidos, atravessemos com elles a praça da *Constituição*, tomemos sobre a direita, e subamos a pequena, e elegante escada de caracol que dá entrada para o hotel O...

A janella de um dos quartos estava aberta, e deita sobre o campo: a lua illumina suavemente as serras revestidas pela vegetação luxuriante, e basta. Os dois amantes sentados perto um do outro, dilatam a vista pela encantadoras prospectivas da natureza.

Georgina pegando nas mãos de Jorge exclamou:

— Oh! como deve ser agradável viver aqui, meu amigo, desconhecidos como somos de todos, sós, livres, no meio destes montes, em presença deste ceu, respirando este ar embalsamado, e suave...

— Que te ha de restituir dentro de pouco a teu antigo estado, vel-o-has querida, disse este unindo-a contra o seu peito. — Nunca a esperança f i para mim tão grande como agora, tenho um pressentimento que me assegura que daqui a poucos mezes...

— Me has de ver completamente restabelecida, não é assim? — tambem eu Jorge... e sabes, a vida que dan-

tes me pesava tanto, desejo-a com frenezim, com anciedade, quasi com desespero agora... Não tenho ninguem no mundo, a minha patria, e a minha familia és tu.... Olha, eu quero-te tanto, é tão puro este sentimento da minha alma, este amor que vem do mais fundo do meu coração... que estou certa, Deus que vê tudo ha de perdoar-me as involuntarias culpas do meu passado... e elles do ceu onde estão não podem amaldiçoar-me..... O passado.... e o futuro, sobre tudo o futuro, disse ella mudando repentinamente de tom. — O futuro ha de ser teu, anjo da minha vida, has de viver, e puro....

— Jorge!

— Sim, juro que me hades pertencer na presença de Deus, e dos homens. . . .

— Não blasfemes Jorge, lembra-te do que prometeste, a quem, e em que momento! É a mim que me cabe agora o sacrificio, e hei de ter força para elle. Vivemos ao pé um do outro ha tantos mezes. . . tu queres-me com delirio, e apesar d'isso o teu amor não atraçou ao pé de mim um sentimento que não fosse puro como o de affecto de irmão. . . é o que me reabilita a meus proprios olhos, o que faz com que as crueis agonias do remorso não venham perturbar a minha vida. . . sou tua, e como o sou agora, posso sel-o sempre, sem que a mão do senhor se volva irada para mim. Já vês que em espirito posso amar-te, quando pertences a outra.

— Tu és um anjo Georgina, uma santa que eu sou indigno de possuir, e que. . .

— Não sou nada do que dizes, sou uma mulher, respondeu ella sorrindo melancolicamente, porem uma mulher que ama como poucas são capaz de amar neste mundo. Deixemos o futuro Jorge, não tornemos a fallar mais n'elle, temos ainda alguns mezes. . .

— E nesses havemos de resumir toda a felicidade da nossa vida.

— Olha, continuou a ingleza, erguendo-se, e fazendo-o aproximar da janella. . . vês aquellas casinhas que ficam além no meio da serra?

— Vejo sim.

— Dize, não seria tão agradável vivermos ali, afastados da cidade, a sombra d'aquellas arvores, vendo pôr o sol do alto d'aquella montanha?

— Oh! de certo, pois descança, amanhã vou dar ordem, ou irás tu mesma se quizeres, escolher aquella que te agradar mais.

No dia seguinte eram 10 horas da manhã, quando os dois montaram a cavallo, e partiram na intenção de executar o projecto que haviam combinado na vespera.

O saio negro, e o pequeno chapéu da mesma cor faziam ressaltar a alvura d= rosto da ingleza, cujas faces nesse dia se animavam de desvanecido cor de roza. Os olhos resplandeciam de felicidade, e contentamento; Jorge contemplando-a experimentava um sentimento de alegria intima, varrendo da sua alma as sombras da profunda tristeza que a toldavam havia tanto tempo.

O sol brilhava no firmamento desassombrado de nuvens. A magnolia perfumava os ares com as suas flores alvas como frócos de neve, a folha larga e lustrosa da bananeira agitava-se suavemente ao sopro da aragem. O

inhame e a vinha revestiam as encostas onde as veias da agua christallina rebentavam em borbotões correndo para o fundo dos valles.

Chegaram ao *Cottage*. Quasi no vertice de uma montanha cortada a pique sobre o mar, a casa apparecia no meio do macisso de verdura, que vecejava com a superabundancia que anima todas as plantas n'aquelle abençoado paiz.

As janellas quasi ao rés do chão, eram elegantemente abertas, e os humbraes de basalto contrastavam com a alvura das paredes. Em vez de persianas, uma rede finissima de arame verde, servia para temperar a luz que penetrava suave no interior da habitação.

De um lado e outro da frente principal subia uma porção de plantas que vinham fazer sombra ás quatro janellas fronteiras. No interior desta deliciosa vivenda respirava aquelle gosto e simples elegancia de que os inglezes possuem como ninguem o segredo.

Depois abrindo-se uma das janellas, saindo a porta, os olhos recreavam-se suavemente dilatando-se pelo quadro que a natureza apresentava naquelle logar. Arvores frondosas, assombrando as veredas onde os raios do sol penetravam com difficuldade no crescer do dia; do seio da rocha as aguas rebentando nevadas e christallinas; em baixo o oceano, quebrando em frementes e bolicosas ondas; a cidade destacando-se graciosamente d'entre a verdura dos montes onde se recosta; aqui e ali vapores parciais erguendo-se apenas algumas braças da terra, augmentando ou diminuindo os objectos, segundo a disposição da luz; enfim quanto pode haver de variedade, grande, phantastico e encantador n'uma natureza onde a Providencia espalhou os seus thezouros com mão profuza, tudo se admirava ali.

Georgina firmada no braço de Jorge percorria com alvoroço a vista pelas scenas que a rodeavam, e exclamava animada de contentamento intimo:

— Quanto antes Jorge, amanhã, hoje mesmo, fiquemos aqui.... Olha, vês aquella ermida isolada, vamos vel-a, meu amigo, entraremos e resaremos juntos, agradecendo a Deus que nos faz tão felizes.

Com effeito a pouco mais de duzentos passos da casa, sobre a direita, erguia-se uma capellinha alva de neve, com um cypreste ao lado e uma cruz de basalto no meio do pequeno adro. Era maravilhoso o effeito daquella mansão de paz, altivo vertice do monte, como nuncia da fé e do descanço eterno.

Os dois transpuzeram a porta e ajoelharam no recinto sagrado. Uma lampada ardia em frente da imagem da Virgem, e nas paredes avistavam-se alguns paineis onde o pobre pintor apesar da sua quasi completa ignorancia da arte, tinha sabido imprimir certa suavidade e unção religiosa ás figuras dos seus quadros. Georgina com os olhos fitos na Virgem, as mãos erguidas em piedoso extasis, murmurava intima e sentida prece, que estou certo se elevava nesse instante a Deus, porque vinha d'alma sincera e fervorosa.

Jorge olhando para ella, tentou debalde conter as lagrimas, a quatro e quatro lhe saltaram dos olhos rolando pelas faces pallidas e viris. Um profundo sentimento de

piedade, de adoração e respeito, de amor immenso e fim, lhe dilatava no coração quanto havia nelle de bom e generoso! Oh! quem pode comprehender o homem: — Esse instante era porventura o mais feliz da sua vida, e a dor que nesse momento experimentava, a mais aguda talvez de quantas lhe haviam dilacerado a alma! « É que a escalla das sensações agradáveis é limitada e imperfeita; os sons esgotam-se em breve, e não ha remedio depois senão ferir as cordas que Deus destina ás tristezas! »

Continua.

BULHÃO PATO.

A ACADEMIA DAS BELLAS ARTES DE LISBOA E A NECESSIDADE DE UMA REFORMA.

IV

(Continuação.)

As vantagens de um conhecimento profundo da perspectiva para todos os individuos que se dêem ás diversas artes do desenho, são de si tão reconhecidas, tão ligadas com a natureza e razões theoricas da mesma arte, que demonstral-as seria cair n'uma verdadeira superfluidade.

Para o paisagista, para o pintor historico, para o gravador, para o esculptor e para o proprio estatuário, a perspectiva, ou o complexo de regras e preceitos que determinam a representação dos objectos nas suas situações respectivas, segundo a differença e modificações que o grau de longitude mette entre elles, é uma parte scientifica da arte, de cujo estudo não é possível prescindir sem que essa falta se faça recordar de uma maneira deploravel em todas as concepções e obras futuras do artista.

E comtudo, na Academia das Bellas artes de Lisboa, a perspectiva apenas figura ligeiramente entre as noções preparatorias da aula de architectura, e é representada por um deficiente e breve compendio. Por aquelle compendio os alumnos não ficam sabendo da perspectiva senão as leis mais geraes da optica, mas sem a sua demonstração scientifica que habilita ás verdadeiras applicações, quando o conhecimento das theorias é concebido pela intelligencia e não apenas firmado na memoria.

E com isto não queremos irrogar a menor censura individual ao distincto professor que rege esta cadeira. O mal parte da viciosa organização dos estudos, que os reúne e complica todos n'um só homem, impondo-lhe obrigações, que a serem desenvolvidas e desempenhadas em todo o alcance que a arte lhe determina, formariam a occupação séria de umas poucas de intelligencias e actividades.

Os differentes estudos que comprehende a architectura, para sairem da simples esphera das noções as mais elementares, não podem por fórma alguma ser o encargo de um só homem, embora illustrado e zeloso pelo desempenho de seus deveres e pelo futuro da arte. Veja-se pelo simples enunciado do artigo 53 dos estatutos qual é a multiplicidade e importancia das attribuições do professor da aula de architectura, e diga-se se é possível que um unico individuo as satisfaça, com aproveitamento para os discipulos e bom nome do estabelecimento destinado a diffundir o gosto e o saber em cousas da arte.

O artigo resa assim:

« Cumpre ao professor de architectura dar aos discipulos as noções prévias mais necessarias de arithmetica, de geometria theorica, pratica e descriptiva, de perspectiva, mechanica e chymica, quanto for bastante para a boa intelligencia e fructo das lições proprias da arte; inculcando-lhes comtudo sempre a necessidade e utilidade de estudos mais amplos nestas materias, para se fazerem distinctos na sua profissão. »

Um tal artigo, alem de absurdo e impossivel na realisação aproveitavel da multiplicidade de ramos de ensino que determina a regencia de uma só cadeira, é contradictorio nas suas mesmas indicações; porque, ao passo que diz, que o professor dará aos discipulos as noções prévias quanto bastante para a boa intelligencia e fructo das lições proprias da arte, manda logo depois que o proprio professor inculque todavia aos mesmos discipulos a necessidade de aprofundar estes estudos, o que equivale a dizer, que n'uma parte se julgam sufficientes os estudos e n'outra que são superficiaes para a cabal illustração do artista.

O maior absurdo, porém, está demonstrado quando se vê reunir nas attribuições de um só professor deveres de ensino que constituem quasi o curso completo de sciencias naturaes da escola polytechnica, e que ainda mesmo reduzidos ou simplificados a meras noções elementares, nunca poderiam ser o assumpto serio e reflectido da aula de architectura, se attendermos a que o tempo material ahi dedicado á instrucção dos alumnos é ainda pouco para aquella parte exclusivamente technica da arte.

E no entanto, apesar de serem muitas as materias, em que, segundo os estatutos da Academia, incumbe ao professor da aula de architectura instruir os seus discipulos, deixam ainda de figurar entre ellas algumas partes da sciencia propria ao architecto, quando a sua educação se repete completa. A acustica, a parte da legislação applicavel ao direito das edificações, e um systema de contabilidade especial, porque simples noções de arithmetica; como os estatutos mandam, não bastam ao architecto,

pois no architecto ha o artista e o administrador, tudo isto são ainda ramos de instrucção que faltam na aula de architectura, e que no entanto lhe são indispensaveis para o complemento da arte de edificar nas suas relações mais elevadas e complexas.

Desta rapida analyse deriva uma verdade que se demonstra facilmente pelas suas razões de evidencia: é que a cadeira de architectura está sobrecarregada de encargos e que todavia não satisfaz nem realisa os verdadeiros destinos da arte. Daqui seguem-se as tristes consequencias e effeitos que todos ahi presenciámos e lastimámos; isto é, a falta de architectos, e a carencia de illustração especial e theorica que se nota nos individuos que a sua leviandade ou immodestia leva a inculcarem-se por tal. Parece-nos que não será necessario ir percorrer essa extensa exposição de abortos em pedra e deformidades architectonicas, que, com opprobrio da arte e desaire para o paiz, pejam alguns sitios da capital, para comprovar todos os resultados dos vícios de organização que apontamos na Academia. Infelizmente essas demonstrações da incapacidade dos nossos artistas, neste genero, são tão reprehensivelmente notaveis, estão tão documentadas em provas publicas, tem sido o assumpto da analyse de juizos tão insuspeitos, justificam por tal sorte a indignação dos entendidos na materia, que andam já em proverbio na boca do publico menos critico e competente.

E comtudo, o remedio que ponha termo a estas desastrosas consequencias é facil. Está n'uma melhor organização de estudos. Em se obrigando os discipulos da Academia, que se dediquem á architectura, a cursar aquella parte da mathematica e sciencias naturaes que formam a sua base e complemento na Escola Polytechnica, já a sua instrucção se torna muito mais solida e completa, sob qualquer respeito que o artista tenha de vir a desenvolver e applicar o seu talento.

Desta divisão de estudos seguia-se a desannexação de muitas das attribuições que pesam sobre a cadeira da aula de architectura, o que facultava o tempo necessario ao professor que a occupa para o dedicar exclusivamente á parte pratica da arte, e applicar, no seu cabal desenvolvimento, os principios seriamente estudados da sciencia de que depende essa mesma pratica da arte, ou que tenham com ella relação immediata.

Quanto á historia da arte em geral, é tambem esta uma necessidade que a organização actual da Academia desconhece, e que importa altamente á completa illustração do artista, seja qualquer o ramo a que se consagre das artes do desenho. Na aula de architectura dão-se alguns esclarecimentos das cinco ordens gregas e romanas, e varias observações se fazem acerca do seu caracter. Mas isto não basta; porque nem conhecer simplesmente as subdivisões da architectura desde a corynthia até á toscana é entrar nos segredos da esthetica da arte, nem copiar materialmente Vignola é saber architectura. Entre uma cousa e a outra mette-se um abysmo. abysmo em que quasi sempre se despenham os nossos architectos.

Isto pelo que diz respeito exclusivamente á architectura, pois pelo que se refere á historia da arte nas suas considerações mais genericas e levadas ás regiões da interpretação, nas suas indicações historicas e preceitos estheticos, nada ha de commum entre o que se ensina na Academia das Bellas-arts de Lisboa, e o que é preciso saber ao pintor, ao estatuário, e ao architecto para se iniciar nesses segredos do bello, nessa parte immaterial da arte que a aproxima das mais arrojadas concepções do espirito humano e se revela nas bellezas do pincel e primores esculpturales de que a antiguidade ainda hoje nos mostra os mais incontestaveis e esplendidos monumentos.

A tella e o marmore traduzem presentemente um bem pequeno numero de idéas em Portugal; e a razão é a pouca illustração dos nossos artistas. A historia da arte não é uma superfluidade, uma exigencia caprichosa da erudição, nem uma exuberancia de conhecimentos estranhos e superfluos de que o pintor ou o estatuário possa ou não prescindir; é o desenvolvimento e interpretação da parte propriamente material da arte pelas theorias do bello perfeito, pelas indicações do gosto illustrado, representadas em todos esses esmeros do genio de Athenas e Roma, ou pelos seus estudos do talento moderno. A analyse reflectida de todas as grandes escolas, representadas nessa escalla illustre desde Phidias até João Goujon, desde Cimabue e Giotto até Raphael e Miguel Angelo, elevam na alma dos discipulos uma emulação fecunda e concorrem poderosamente para o aperfeiçoamento e elevação das suas faculdades. É por isso que a investigação esclarecida do analyta deve percorrer essas phases que completam a historia da pintura e da estatuaría, apreciar todas as metamorphoses da arte monumental, inquerir os hieroglyphicos do templo de Memphis, visitar as massas colossaes de Bamba, contemplar embevecida esses portentos do genio humano que palpitam nos monumentos da estatuaría do Parthenon, entrar em Roma e passear á sombra das ruinas do Coliseu e do Capitolio, sentar-se depois debaixo das arcarias gothicadas das cathedraes da idade-media, observar as opulencias de phantasia e ausencia do gosto nos ornatos e excentricidades bysantinas, e a final estudar as modificações da arte sublimemente resumidas nesse protesto solemne do genio contra a decadencia da architectura chamado basilica de San' Pedro, epilogo eloquente, symbolisação portentosa das aspirações do cinzel grego, combinadas com a elevação e severidade da arte romana.

Para pintar e para modelar é indispensavel saber a que principios obedeceram, porque indicações se formaram as escolas typicas, e são estas deducções de idéas, a que só pode dar a mão e guiar um criterio illustrado, as verdadeiras theorias do bello.

Mas por citarmos Phidias e Goujon, Giotto e Raphael, Cimabue e Bounarroti, como os nomes cuja importancia nas transformações da arte vem naturalmente á superficie da discussão, não se segue que se deva dar ao ensino historico o caracter exclusivo que todavia acha sectários em muitos talentos votados com idolatria ao estudo do passado.

Não pondo em a menor duvida a excellencia dos monumentos gregos, o professor que se consagre a divagar pelas eras esplendidas da arte e ahi procurar os exemplos mais proprios a fecundar e esclarecer a imaginação, não deve passar ante a esculptura da renascença sem parar e indicar o que ha nas suas obras de elegante e engenhoso, do flexivel e delicado.

Seria mesmo uma prova de vistas menos largas e de pouca atilação critica, deter se o espirito da analyse nos ultimos annos do seculo XVI, sem olhar com reflexão para esses artistas, que, embora se affastem no estylo e indole de concepção das tradições da Grecia e da propria renascença, deixaram comtudo de si vestigios gloriosos, attestados em obras energeticas, em que transpira uma inquestionavel grandeza.

Se Goujon se aproxima mais de Phidias do que Puget, não é isto razão bastante para se tratar com desdém o *Milon de Crotona*, cujas carnes palpitam, cujos labios da ferida, convulsos e febricitantes, escorrem sangue, cujos braços e peito exprimem a vehemencia do exaspero nas extenuações do soffrimento.

É preciso entender que a pintura não principia e acaba em Urbino, em Rubens ou Miguel Angelo, e tratar como simples accessorios todos os talentos que após estes grandes genios se revelaram pela aujacia ou originalidade de suas composições. Fóra da escola romana, fóra da escola florentina ha meritos notaveis, indubitavelmente dignos de admiração. Corregio e Ticiano personalisam só por si um grande estylo, que não pôde deixar de fecundar a imaginação e prestar grandes subsidios ao talento votado á pintura, principalmente nas combinações e brilho de colorido e na expressão e verdade dos sentimentos. Nicolau Poussin; Le Sueur, e alguns dos mesmos paisagistas da escola ingleza, como Cophy Fielding, Turner, e Stanfield, não podem deixar de ser tomados por norma na maneira de interpretar, mais ou menos poetica, os diversos episodios da criação animada e os mais variados e pintorescos panoramas da natureza vegetal.

A propria escola portugueza, mais conhecida pelo nome de Gran'Vasco, e muitas das obras de alguns dos artistas que se lhe seguiram, como Gaspar Dias, brilhante imitador de Miguel Angelo; Coelho, cujas obras perpetuam o seu nome no Escorial; Campello, cujos quadros onde se admira toda a correcção de desenho da escola romana, se vêem em Belem; Francisco de Hollanda que reuniu a correcção de desenho de Raphael á energia da expressão de Bounarroti, dotes que soube juntar no seu bello quadro do baptismo de Santo Agostinho; e finalmente outros muitos que illustraram os seculos XVII e XVIII, como Claudio Coelho, Pedro Alexandrino e Sequeira, o nosso Rembrandt, toda esta illustre e variada galeria de artistas fornece grandes elementos de illustração, concorre para dar a verdadeira e caracteristica phisionomia á escola nacional, e estabelece gloriosamente como os marcos milliarios da historia da arte entre nós.

O professor encontra ahi um inexaurivel manancial de inspiração para os seus melhores dictames, uma grande somma de exemplos que o podem elucidar em muitos dos pontos mais difficeis da pintura; e o mancebo que se dedique a estes estudos, percebe nestas obras todos os estímulos que o devem elevar ás regiões ideaes da interpretação, da historia, e da poesia.

(Continúa.)

ANDRADE FERREIRA.

VERSOS ESCRIPTOS N'UM ALBUM, E OFFERECIDOS AO MEU AMIGO E JOVEN POETA D. THOMAZ DE MELLO.

No reverso da folha onde escrevo
Um cantor infantil pulsa a lyra,
E magoado, e sentido suspira,
Com saudosas memorias de amor!

Na cadencia da letra singella,
Qual murmúrio de mansa corrente,
Transparece sua alma innocente
Toda vida, perfume, e calor!

Variiegado, risonho, brilhante
Inda agora na flor da innocencia,
Vendo o mundo, — surri-lhe a existencia,
Atravez do seu prysma gentil:

Cuida extinctas ficções encantadas
Crê perdido o seu sonho de amores,
Julga ver desbotadas as flores
Que adornavam sua harpa infantil! . . .

Ai! poeta! ai de ti! — que saudade,
Que saudade tão funda, e sentida,
Has de ter d'estes annos da vida,
Quando os vires ao longe ficar.

Que saudade tão funda do tempo
Em que tinhas sentido saudade,
Has de ter quando a triste orfandade,
Dos affectos tua alma enlutar!

Ouve pois, joven bardo que a lyra
Vibra hoje com tanta amargura,
De illuzões, de poezia, e ventura
Enche agora teus annos em flor;

Que são estes ephemeris sonhos,
Os que vem derramar grata essencia,
No crepusculo da nossa existencia,
Dar-lhe vida, perfume, e calor!

Agosto de 1854.

BULHÃO PATO.

OS CÃES E A RAPOSA.

APOLOGO.

Perseguido por ávida matilha,
Um lobo fero lhe arreganha o dente;
Porem como da bocca ainda pendente
Levava a rez furtada,
Deixa-a cair no meio da contenda,
E em vez de ter merenda,
Em premio da rapina,
Da cafla canina
Levou muita dentada.

Cantou a fama este arrojado feito
Na tuba assignalada,
E toda a cansoada
Crédora se tornou de alto conceito.
Mas eu, que não sujeito,
Qual vulgo ignaro e crente,
Meu voto em tudo á fama, que se gosa,
Passarei a contar singelamente
Um caso de raposa.

Dispoz este animal fino e velhaco,
Que seria senhor de um galinheiro,
E certo dia, audaz e surrateiro,
Entrou por um buraco;
Mil aves depennou, fez maior damno,
Do que o lobo, roubando o seu cordeiro,
Apontado qual barbaro tyranno.
Suppoz o vulgo inteiro
Do reino bestial.

Que a raposa, com ser bicho matreiro,
Ao lobo carniceiro
Teria sorte igual.
Da matilha fiel e dedicada
Já se ouvem os latidos,
E a grei dos opprimidos
Promette ser vingada.

Mas, oh! dos bichos innocente pasmo!
A canina phalange amança a furia
Do seu enthusiasmo.

Já não lhe accende os brios a lamuria
Do povo inerme e fraco,
E nunca mais persegue
O animal velhaco!

O motivo de tal procedimento
É este que se segue:
A raposa, que é mestra na esperteza,
Concedeu ao canino ajuntamento
Um bom quinhão na preza.

Não mais houve disputa
Entre os mastins e a alimaria astuta.
Ella foi proseguindo em seu caminho,
E elles o focinho
Não tiravam da sordida ganancia.
Raivou a bicharia
Com esta exorbitancia;
Porem elles, senhores da fatia,
Ao que é patifaria
Chamaram tolerancia.

Muito furor se explica deste modo,
Que não só á animaes rala e consome.
Por pouco amañam, que esse furor todo,
Toda essa heroicidade,
Chamem-lhe embora amor da humanidade...
Eu ponho-lhe outro nome.

Aprenda pois o lobo desestrado,
Como se adoçam rabidos furores.
O mais que se contem neste recado
Alcançam-no os leitores.

A. DE SERPA.

UM CONTO DE HOFFMANN.

(Continuado do N.º 20).

Ha de haver quatro mezes proxicamente, era no primeiro d'outubro, estava de serviço no banco do hospital, quando rebentou uma das mais horrosas trovoadas de que tenho ideia; ainda que a recordação do facto que me diz respeito me não impressionasse muito, o extraordinario da tormenta obrigou-me a fixar bem essa data. Era tambem por estas horas; contava descansar e já me preparava para dormir tendo fechado um volume das obras de Hoffmann em que estava lendo. — Do romancista já se vê, por que as repetidas interrupções occasionadas pelo serviço não me permittiam entregar-me a estudos serios sobre os trabalhos do medico imminente d'este mesmo nome.

Quando me começava a despir, senti bater á porta, e uma voz que suppoz d'algum ajudante chamar-me para a enfermaria, onde um moribundo reclamava os meus cuidados. Vesti-me á pressa e corri ao logar indicado. Tenho visto muito doente; tenho assistido muita vez impassivel a essa lucta suprema da alma que se desprende do corpo e que abandona o mundo, que ás vezes tem muito amado; tenho presenciado em muita agonia esses esforços sobrehumanos que acompanham as horas do passamento, e repetidas como tem sido, a recordação da ultima faz esquecer a que se lhe antecedeu. e todavia, encontrava-se o quer que era de singular e extraordinario n'aquelle agonizante, que o distinguia muito dos que tinha visto até então, como d'aquelles que mais ao diante se encontraram em identicas circumstancias.

Era um rapaz na força da idade e no vigor da vida. Victima d'uma d'essas molestias violentas, que devoram pouco a pouco, parecia que todo o sentimento se lhe concentrara nos olhos d'onde se não queria soltar. Era uma caveira tendo dois carvões accesos nas orbitas, era como uma sphinge de templo Egyptico que allumiada interiormente deixasse pelos olhos só espalhar-se a luz. Quiz fallar mas não pode, o stertor cortou-lhe a voz, e uma convulsão terrivel, que lhe percorreu o corpo todo, traduziu o immenso soffrer que lhe devia causar aquelle ultimo esforço.

Não sei se receitei, se não: n'aquellas circumstancias todo o medicamento era inutil. Voltei para o quarto vivamente impressionado; e debalde tentei conciliar o sono, porque de todos os cantos via fulgir aquelles olhos tão extraordinariamente scintillantes.

Banhado em suor, extenuado por tanto lidar d'imaginação, parece-me que adormeci finalmente. Foi então que senti uma forte pancada na porta do quarto, e quando despertava em sobresalto, vi esta abrir-se de par em par, e dar entrada ao enfermo que ha pouco deixára no leito da agonia. Eram os mesmos olhos, era o mesmo rosto escaveirado e macilento, era o mesmo stertor de moribundo que ha pouco ouvira, e que se fazia agora sentir sobresahindo ao ruido monotono da chuva e ao estampido amiudado dos trovões. Por um esforço sobrenatural sentei-me na cama, e com os braços estendidos procurei afastar aquella vizão que se adiantava para mim como o phantasma que desliza encostado ás paredes do carneiro, avançando sempre sem se lhe perceber o caminhar.

Vi-o progredir com susto crescente; chegar-se, chegar-se cada vez mais, até que por fim já sentia o seu halito gelado bafejar-me, e a sua mão descarnada e fria encostar-se-me ao hombro. Aquelle gelo da morte que se me communicou ao corpo todo, fez-me sentir d'ante-mão as angustias d'um enterramento em vida. Quiz fallar, mas não pode tambem, e avalei então quanto deveria custar ha pouco ao infeliz que estava diante de mim a impossibilidade de proferir as palavras que articulára na mente.

D'essa vez porem não ficou silencioso, e com uma voz stridente e aguda como devia de ser a das feiticeiras das balladas allemãs prophetisou-me a morte para d'alli a um anno. Terminou com uma gargalhada que nada tinha de natural, e desapareceu de repente sem que eu percebesse por onde saiu.

Estava no meu quarto, quando tornei a mim, nada se tinha mudado, tudo estava no seu lugar, e n'uma ponceira que tinha sobre a mesa bruxuleava ainda com uns restos de luz tenue e indecisa o bowl de ponche que preparára ao deitar-me, e de que sempre bebia quando o serviço dos doentes me fazia levantar pela alta noute.

Então já bem desperto, senti bater de novo á porta do quarto, e a mesma voz que ao principio me chamara, pedir-me que fosse á mesma enfermaria.

Estava tudo socegado; o proprio ajudante de enfermeiro a quem pertencia velar, tinha adormecido, tanto que tive de o acordar de sobresalto, e perguntar-lhe para que me chamara.

Daqui ninguem saiu a chamal-o, me respondeu ainda meio a dormir.

Está bem certo d'isso?
Certissimo, e o moço que tem estado acordado lhe pode asseverar a mesma cousa.

Effectivamente chamei o moço que se não tinha affastado o momento sequer da enfermaria.

E o doente de ha pouco, lhe perguntei, está melhor?
Morreu agora, V. S.ª pode vel-o, está na cama 25.

Aproximei-me da cama para verificar com a propria vista o que me dissera o ajudante. Como é costume, o lençol estava cobrindo a cara do cadaver e não foi sem

um certo temor, confesso-o ingenuamente, que o levantei. Não havia duvida, era elle. Quando me affirmei, pareceu-me que os olhos já embaciados se reviraram para o meu lado, que os labios azulados se entrecabiam e que difficulosamente proferia as seguintes palavras, que por muito tempo me echoaram aos ouvidos — *até d'aqui a um anno*. Depois soltou uma gargalhada semelhante as que, havia pouco lhe ouvira, revirou uma outra vez os olhos, e ficou-se. Não havia que duvidar, estava bem morto.

Caí sem senti-los. No dia seguinte encontrei-me deitado na cama e ardendo em febre. O ajudante, que mandei chamar não dava noticia de cousa alguma. Na enfermaria tinha morrido um doente, mas a sua morte tinha sido socegada, e ninguem me viera procurar por seu respeito. Nunca mais tive sonhos daquelles, e na verdade não me deixou saudades.

— E suppõe que fosse sonho doutor?

— Que queria pois que fosse? o cognac, a leitura de Hoffmann, tinham-me exaltado a cabeça, o sinistro da noite concorrera tambem. Suppoz-me heroe daquellas disparatadas loucuras, e imaginei um conto de Hoffmann onde me coube a parte de protagonista. Bem vê que ainda não tractei do testamento.

— No seu caso, doutor, tractava sempre, pode ser um aviso do ceu, quem sabe?

— Ora, meu amigo, na realidade não o suppunha tão creança.

E riu-se, mas de tal forma, que se me affiguro, que tal devera de ser a gargalhada do espectro, e a nossa conversa parou aqui: aquella narração tinha-me aterrado e o doutor gosava do seu triumpho mirando as espiraes de fumo, que partiam enovellando-se de um enorme cachimbo, que tinha na bocca.

Dalli a oito mezes, um anno depois da profecia do doente, eram os estudantes todos da escola Medico-Cirurgica convidados para acompanhar um enterro. O defuncto, já os nossos leitores advinham quem era, a profecia tinha-se realisado: e o pobre doutor talvez á hora da morte, quando avaliasse o seu estado, reconhecesse então que, ha misterios impenetraveis para o homem por muito sabio que seja, por muito talento que tenha, e que acima destes phenomenos vulgares, que a nossa intelligencia julga e avalia, ha outros, onde não é dado chegar, porque são do dominio exclusivo de uma entidade superior.

Antes de morrer o doutor tinha realisado a sua promessa, tinha-me contado como e porque, a caixa da caveira estava em seu poder; se esta historia não enfastiar os nossos leitores, contar-lhe-hemos então essa, tão verdadeira como a que acabam de ler e que desde já lhe asseveramos se hade intitular — *A caixa do doutor*.

R. PAGANINO.

À MEMORIA DA EXM.ª SR.ª D. MARIA GERTRUDES MANOEL DA CUNHA.

Na hora melancolica
Do despedir do dia,
Quando se escuta o cantico,
De estranha melodia,
Que na devesa languido,
Desprende o rouxinol;
— Quando desponta pallida
No firmamento a lua,
E qu'inda incerta, e trémula
No mar azul fluctua,
Com a viva cor da purpura,
A luz tibida do sol. . .

— Quem passe pelo tumulo
Que encerra a virgem bella,
Quebre o silencio tetrico,
A orar prece singella,
Por essa que a existencia
Deixára inda em botão!
— Por ella? ai não! — a supplica,
Ao nosso Deus erguida,
Seja por quem perdendo-a,
Perdeu parte da vida,
E que no mundo extatico
A filha busca em vão!

— Ella. . . este val de lagrimas
Abandonou subindo
Ao ceu que lhe era patria;
Ella: feliz sorrindo,
Lá jaz no mundo etherico
Ao lado do Senhor!
— Por nós oh! sombra angelica,
Implora a Deus piedade;
Anjo das azas candidas,
Consola a saudade
D'aquelles que adorando-te
Te viram morta em flor!

Outubro de 1852.

BULHÃO PATO.

O tempo mata as paixões, se as paixões não matam primeiro o individuo.

VILLA D'ALHANDRA.

A cinco leguas de Lisboa na margem direita do Tejo, em logar baixo rodeado de montes e onde começam as lezírias de Villa Franca está situada a villa da Alhandra, que foi mandada povoar por D. Soeiro, bispo de Lisboa, reinando D. Sancho I. A igreja parochial em sitio eminente, que do rio bem se avista, é dedicada a S. João Baptista, e na vespera e dia do santo se fazem grandes regozijos e folguedos a que vão assistir muitos curiosos de Lisboa, convidados os mais d'elles pela corrida de touros que é indispensavel e parte essencial de qualquer festa no Ribatejo.

M.

GABINETE DE MR. DE LAMARTINE

Ha homens que basta nomea-los, as suas obras são o seu elogio, quando se vulgarizam e adquirem geral estimação, como as do sr. A. de Lamartine; no extremo occidental da Europa, em que vivemos, terra classica das boas lettras e dos generosos pensamentos, o seu nome é popular como é geralmente conhecida a linguagem da sua nação. O illustre poeta francez, logo nas primeiras manifestações do seu estro, sympathizou com as maguas do poeta portuguez desterrado, Filinto Elysis, e lhe dedicou algumas sentidas strophes: devemos-lhe tambem sympathias.

O sr. de Lamartine, que na carreira litteraria tem colhido tantos triumphos illustres, na carreira politica, como cidadão honesto e dedicado á patria em tempos embaraçosos e de graves perigos só teve, a par de desgostos, pre-

juisos immensos. Escusado é repetir o que a historia contemporanea está lembrando á memoria de todos.

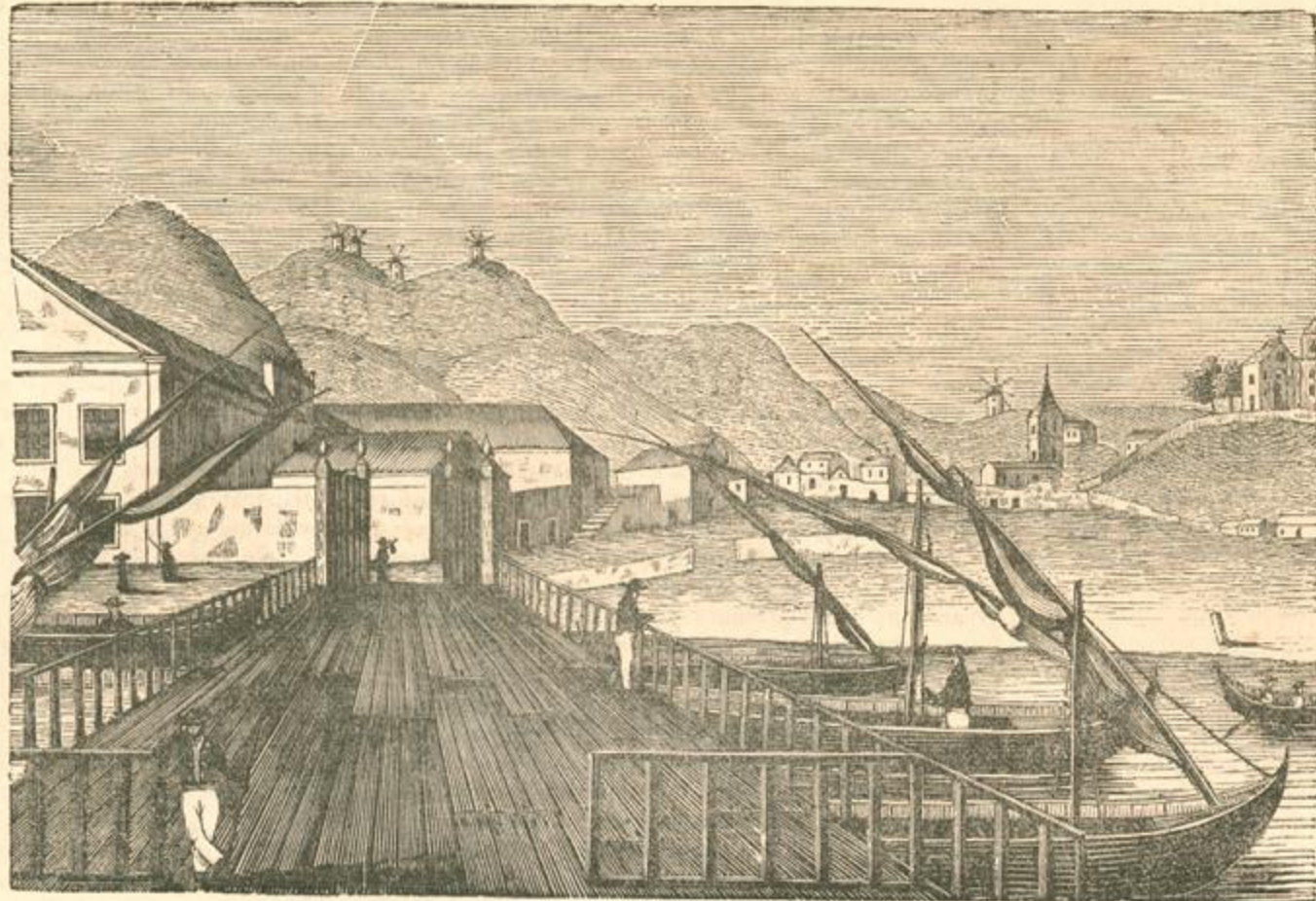
Precisa para resgatar-se d'essas perdas, que não recadem só sobre elle, porque se recalissem a sua resignação é d'um alcance superior ao commum dos homens, dedicar o seu talento ao desempenho de obrigações, que reputa sagradas.

N'este intuito vae publicar um *Curso familiar de litteratura (cours familier de litterature de mr. de Lamartine)*. É publicado em forma de conversações ou dialogos: um por mez; pelo primeiro que serve de introdução, em

o primeiro navegante que devassou aquelles mares na parte, onde não tinham chegado as audazes explorações portuguezas. A expedição denominou archipelago Eugenia (em obsequio á imperatriz dos francezes) a um grupo de muitas ilhas penhascosas na citada costa oriental, cujos habitantes, tartaros de origem e de profissão pela maior parte pescadores, estão representados na estampa.

M.

Vale mais uma lição da experiencia, que vinte do preceptor.



A Villa d'Alhandra.

que o auctor revela a excellente alma de que Deus o dotou a par do talento, infere-se que não haverá quem o leia que não anhele seguir o facil e instructivo estudo que lhe faculta penna tão amestrada.

Um programma indica os locaes directos para as assignaturas, mas é de crer que os subscriptores portuguezes, que não deixarão de ser numerosos, preferam receber pelos seus habituaes correspondentes.

M.

PESCADORES TARTAROS.

A expedição franceza que no anno passado percorreu as costas da Corea e o mar do Japão, visitou certas paragens ainda não exploradas desde 43 graus de latitude norte até á bahia magnifica a que deram o nome do imperador. Fez o reconhecimento hydrographico das costas orientaes da Tartaria, e ahí impoz nomes francezes a varias terras completando as descobertas do infeliz Laperouse,

o primeiro navegante que devassou aquelles mares na parte, onde não tinham chegado as audazes explorações portuguezas. A expedição denominou archipelago Eugenia (em obsequio á imperatriz dos francezes) a um grupo de muitas ilhas penhascosas na citada costa oriental, cujos habitantes, tartaros de origem e de profissão pela maior parte pescadores, estão representados na estampa.

M.

Vale mais uma lição da experiencia, que vinte do preceptor.



Gabinete de mr. de Lamartine.

VASOS ANTIGOS.

Os vasos representados na estampa são uns de prata, outros de porcelana, e posto que se presume o serviço a que eram alguns d'elles destinados, como para saleiros, reserva de essencias e pomadas e mais destinos analogos, ignora-se para que prestavam os mais d'elles. São trastes sumptuosos da eidade media que adornavam as salas dos opulentos. Os que ficam desenhados pertencem á colleção de raridades de Sibthorp, museu que tem este nome de um botânico inglez, que viajou muito pela Grecia continental, todo o archipelago e Azia menor no seculo passado, e reuniu avultadas colleções tanto de plantas como de objectos raros e singulares.

M.

O corrupto julgador é peor que o salteador.

VIAGENS.

ILHAS DOS AÇORES.

(Continuado do N.º 18).

A villa, dita da Horta, é bem situada: eleva-se em amphitheatro na encosta d'uma colina levemente inclinada, e estende-se por milha e um quarto de comprimento.

Igrejas, conventos, e o antigo collegio dos jesuitas, que é vasto e bem situado, são seus principaes edificios publicos. Não tem praças nem mercados, (*tem já*) e por assim dizer não tem mais que uma só rua em todo o seu comprimento, cortada por ruas tortuosas, mal calçadas, e não illuminadas de noite. No centro da villa as casas são continuas umas com outras; noutra divisão tem a maior parte pateos com fontes; e na extremidade occidental são cercadas de jardins e pomares de laranjeiras, com o que se

ramente abrigam da chuva ou vento. Os tabiques são feitos geralmente de esteiras de cana, que cresce em abundancia nos montes, e serve de sebes vivas. As casas dos ricos oferecem variedade na disposição, e na mobilia. Os aposentos dos homens são simplesmente caiados, e ornados d'algumas velhas gravuras francezas; mas os das mulheres tem mais decorações; e ainda que haja ricos cujas habitações annunciem por toda a parte penuria, sabem geralmente unir a commodidade ao luxo, á riqueza, e ao gos-



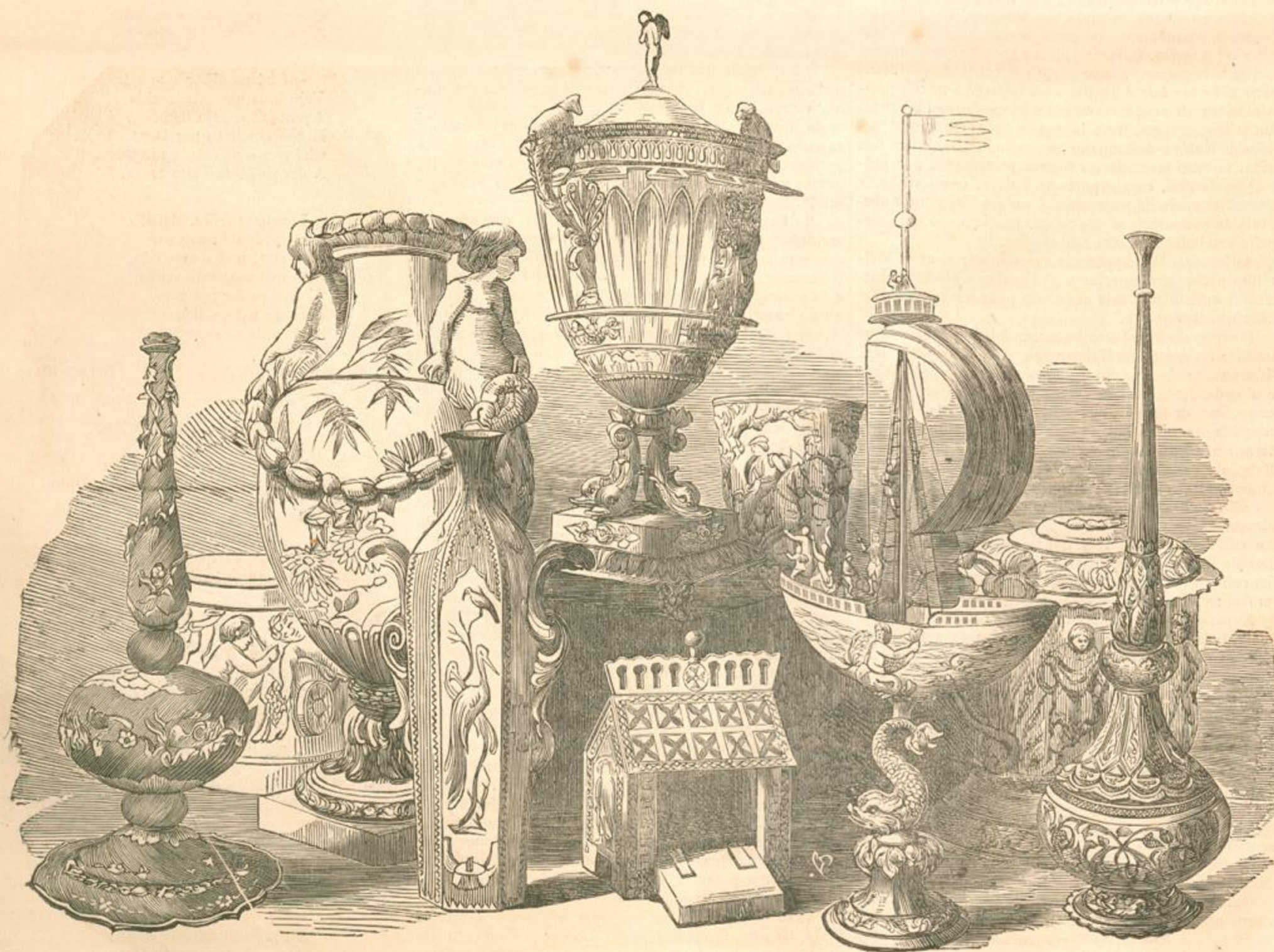
Os Pescadores tartaros.

liga a villa ao campo pittoresco que a cerca. Ao sul descendo para Portopim, estão dispersas habitações miseraveis, e o solo dentre ellas conserva a esterilidade primitiva.

As casas na villa e no campo são construidas d'uma pedra porosa, que nas pedreiras se separa por si mesma em partes chatas. Não creem muito na solidez das paredes de tijolo, nem que nos tremores de terra estejam menos sujeitas a fenderem-se. As casas da villa tem tres andares, comprehendendo o primeiro pavimento; muitas são de architectura simples, mas elegante.

As varandas ou são abertas, ou fechadas de ralos, de modo que n'este segundo caso podem as mulheres ver quem passa, sem serem vistas. As casas das aldeas tem além do primeiro pavimento um andar, mas não são caeadas.

As habitações dos pobres não são mais que choças baixas construidas de pedra secca, cujas paredes raramente abrigam da chuva ou vento. Os tabiques são feitos geralmente de esteiras de cana, que cresce em abundancia nos montes, e serve de sebes vivas. As casas dos ricos oferecem variedade na disposição, e na mobilia. Os aposentos dos homens são simplesmente caiados, e ornados d'algumas velhas gravuras francezas; mas os das mulheres tem mais decorações; e ainda que haja ricos cujas habitações annunciem por toda a parte penuria, sabem geralmente unir a commodidade ao luxo, á riqueza, e ao gos-



Vasos antigos

to, no arranjo e guarnição da sala de recepção. Um dia achei-me em círculo encantador de damas, n'uma sala forrada d'espelhos: o pavimento era da mais preciosa madeira; e os moveis dos mais antigos castellos de França. N'uma ante camara está sempre um forte-piano, de ordinario inglez, instrumento absolutamente necessario á educação das meninas do Fayal. Em casas mesmo de inglezes são as chaminés desconhecidas. Nas janellas não ha senão pequenos postigos, e no campo reina a maior economia nos quartos e moveis, mesmo dos mais ricos negociantes: paredes caiadas, pavimento ladrilhado, cadeiras de pau mui simples, janellas que nem sempre garantem do vento, portas que mal fecham, eis o que compõe toda a magnificencia interior d'uma casa de campo, cujo dono é millionario. O rico emprega o gosto d'amador, e o seu dinheiro, em ornar o exterior da sua casa de campo, em fazer cisternas, jardins, repuchos. Algumas d'estas habitações merecem a attenção dos estrangeiros, tanto a arte e a natureza parecem concertadas a embellecel-as.

Avalia-se a população do Fayal em quinze mil almas, o que me parece muito; (*aliás pouco*) mas é provavel que a da villa chegue a tres ou quatro mil. Todos os commerciantes, militares, proprietarios ricos, artistas, religiosas, frades, a maior parte dos padres e pescadores habitam na villa. Alguns proprietarios pobres, lavradores, empregados das igrejas campestres, mercadores de vinho, moram nas aldeas; e os maritimos perto da villa. Muitos dos habitantes d'esta têm suas propriedades no Pico, e muitos commerciantes e artistas do Fayal têm lá seu verdadeiro domicilio, e em São Jorge. Os portos do Fayal, que, em relação aos demais dos Açores são bons, tornaram esta villa o entreposto das ilhas vizinhas, e sua população tem augmentado muito, em proporção da do campo. Muitas nações europeas têm ali consules, ou vice-consules para a ilha em particular; e os Estados-Unidos da America um consul-geral para todos os Açores. O consul inglez olha pelos interesses commerciaes dos suecos, dinamarquezes, russos, e d'outras nações.

Durante a ultima guerra de 1793 a 1801 os inglezes fizeram no Fayal grandes negocios. Uma grande casa de Londres tinha ali commissario que comprava annualmente cinco mil pipas de vinho, e as exportava para as Antilhas, principalmente para a Martinica. Os americanos dos Estados-Unidos, e os habitantes da Nova-Escocia, levavam ali madeira e bacalhau, e tomavam vinho como cargação de volta, ou a frete. Os francezes não commerciam directamente com esta ilha, porque os negociantes de vinho no Fayal não se servem ainda para o seu vinho da aguardente de Bordeaux, que tanto contribue para realçar a qualidade do vinho da Madeira. Os dinamarquezes só frequentam este porto accidentalmente, e por conta estrangeira. Durante a ultima guerra chegaram aqui muitas cargações, a mór parte por conta dos habitantes, e cobertas com o pavilhão portuguez. A Suecia nunca mandou ali productos do seu solo, ou da sua industria. Seu taboado, vigas, ferro lavrado e em barra, vidros, tecidos de linho e de canhamo, e cordoalha, achariam boa saída, se estas mercadorias fossem permutadas por producções da ilha, cuja exportação é livre, como vinho, e fructas. O modo de pagamento é em verdade grande obstaculo ao commercio d'esta praça, mas isso não deve impedir entabular com ella negociações.

As laranjas dos Açores são excellentes; só as de Malta lhes podem ser superiores. O Fayal não produz consideravel quantidade, mas um navio pode nas outras ilhas achar quantas queira.

O vinho do Fayal tem bom mercado nas Antilhas, na America do norte, em Hambourgo e em S Petersbourg. Ultimamente têm muito cuidado na sua preparação; e se a aguardente de que carece para se conservar mais tempo, fosse de França, igualára o bom vinho da Madeira; mas pode ser que para lá chegar completamente fosse primeiro necessario buscar melhores vinhas, e prestar mais attenção á cultura. É branco quando novo, mas com a idade adquire côr mais carregada; os mercadores de vinho sabem dar-lha optimamente, logo no segundo ou terceiro anno. Em seis ou sete annos torna-se realmente bom, tem então gosto mais doce e mais agradável, que os vinhos de Xerez, ou de Tenerife, e sobreleva muito ao vinho colhido no norte da Madeira. A malvasia do Fayal é um dos melhores vinhos doces.

Experiencia de muitos mezes me convenceu plenamente da bondade do seu vinho para a saude, e posso com fundamento asseverar que melhora á proporção que envelhece, de sorte que aos cincoenta annos deve ser verdadeiro thesoiro n'uma cava. Não preciso dizer, que fallo somente do vinho de boa qualidade. Muitas vezes embarcam vinho fraco e mau, de sorte que apenas se pôde distinguir da cidra: devo pois aconselhar a quem aqui faça cargação, provar por si cada pipa de vinho, se não tiver toda confiança no seu commissario. A aguardente está longe de egualar em bondade a de França; e tem geralmente gosto grosseiro. Entretanto bebi mui bom licor distillado d'ella.

Os vinhos e aguardentes exportados como do Fayal, vem geralmente do Pico e S. Jorge. As mercadorias que o Fayal lhes dá em troca, ultrapassam muito suas particulares precisões, e d'allí se derramam depois pelas outras ilhas dos Açores. O Fayal tambem exporta muitas cargações de vinho para a Terceira, e para S. Miguel. Esta ultima ilha recebe tambem do Pico e de S. Jorge vinho, lenha (?) gado, manteiga de vacca, etc. Os habitan-

tes tem para transportar tudo isto grande numero de embarcações de diversos lotes, algumas de coberta: todas são excellentes no mar: muitas, boas velleiras, a despeito mesmo de serem armadas com a maior negligencia. Todos os dias ha algumas que viajam d'uma a outra ilha. Independentemente de todas estas embarcações, os barcos de pesca que saem, e que muitas vezes entram com rica pescaria, entretem extrema actividade no porto do Fayal. Os navios deste porto vão muitas vezes até á Madeira; mas a ignorancia dos capitães, e defeito das cartas e instrumentos nauticos, tornam algumas vezes perigosas estas viagens.

Villa e campo têm constantemente precisão um do outro. O camponeo traz á villa grande quantidade de fructas, ovos, vinho, batatas, etc. e compra peixe, que as praticas da sua religião tornam para elle cousa indispensavel, tecidos finos para as mulheres, chapatos, louça fina, e de barro, especiarias, e drogas, chá, caffè, etc. Não ha aqui lei repressiva do luxo nas classes inferiores.

Os artistas são pouco numerosos; e só ha os de primeira necessidade. Faltos de bons utensilios, de materiaes e de pericia são más suas obras. É por isso que com os excellentes coiros do Brasil só fazem más sandalias. A gente do campo fia muito linho, mas não lhe dá grande gráu de finura. Entre os operarios de luxo, merecia attenção um marceneiro allemão de Goettingen, para onde sem duvida voltará, logo que tenha adquirido alguma cousa. Manufacturas inglezas, e em parte das Indias ou d'Allemanha, provem os Açores. A despeza com vestuario é nos dois sexos como na Europa.

O estado militar compõe-se de tropas regulares, e milicias (*acabaram*) sob as ordens d'um governador da patente de major. As primeiras assoldadas pela corôa, e destinadas á defensão das fortificações, montam quando muito a cem homens: tem uniforme azul com canhões vermelhos, exterior militar, e estão muito bem exercitadas. O uniforme das milicias é azul com canhões brancos, como o colete e calções; compõe-se de parte dos cidadãos, e ricos habitantes da villa: tem a força de perto de trezentos homens, e comsigo mesmo se exercita. Não são entretanto mui bons soldados. Os officiaes dos dois corpos distinguem-se pelo seu porte, bom proceder, e ares nobres.

Disseram-me que aqui a justiça publica nem sempre se exerce. Não ha policia. Os criminosos escapam muitas vezes ás penas impostas pelas leis. O dinheiro não está seguro senão guardado em logares desconhecidos. O caracter doce e bondoso dos habitantes, faz que raramente se ouça fallar de rixas, e quasi nunca de mortes. Nenhum mendigo se tolera nas ruas: os frades recolhem esmolas para elles. Só escapam com membros meio roidos, alguns estropiados, d'aspecto horrendo.

O Fayal tem um pharmaceutico, um medico cheio das melhores intenções, cuja sciencia a Universidade de Coimbra coroou, e um lazareto cujos fundos não egualam o zelo do doutor. Os costumes desregrados da gente baixa a expõem a más enfermidades. Os habitantes das classes superiores, e a gente do campo, que vive com moderação, gozam sob o ceu venturoso do Fayal, a mais brilhante saude.

No Fayal ha dois conventos de freiras, que segundo me disseram continham quinhentas religiosas (!) O Pico concorre tambem para este grande numero. Estes estabelecimentos, destinados a garantir as donzellas da miseria e da seducção, são necessarios n'uma ilha onde nasce pequeno numero de homens, dos quaes muitos abraçam o estado ecclesiastico, ou emigram, e os que se cazam não podem, segundo a religião e leis do seu paiz, despozar mais do que uma mulher. As moças que se não cazam, raramente acham occasião de mudar de terra. Seu voto de castidade perpetua não causa grande prejuizo ao bem do estado, mas para impedir a relaxação, neste clima animador, é preciso rigorosa vigilancia nestes mosteiros, e defendel-os com muros mui altos. Durante a minha residencia no Fayal só se proferiu um voto: a joven innocente, educada no claustro, separou-se do mundo que não conhecia: sem derramar uma lagrima: ficou-lhe a vista immobil no meio da cerimonia, que tinha partes tocantes partes ridiculas.

Pouco frequentei os frades do Fayal para julgar de seus costumes e sciencia. Observei com satisfação sua pobreza, e seus estabelecimentos de beneficencia para os pobres; suas acções publicas me inspiraram estima; e nunca me quiz aventurar a olhal os por sob a mascara. Os padres tem em mathematicas, em litteratura, em historia, em geographia, e nas linguas vivas, conhecimentos, que aos ecclesiasticos de capitães da Europa fariam honra: em seus entretenimentos particulares mostravam o espirito cultivado de modo digno de elogio. Independente da instrucção publica, de que cuidam com grande zelo, tambem os ricos lhes confiam a educação dos filhos.

Á falta de mestres habeis ensinam lhes o desenho, a dança, e sobre tudo o canto e a musica, artes d'agrado amadas e cultivadas no Fayal pelas pessoas de todos os estados. Como preceptores da mocidade, crêem ter á consideração dos parentes, direitos, que justificam pela delicadeza do seu commercio, e decencia de seu porte.

Na costa septentrional do Fayal, a pouca distancia da praia, ha uma igreja onde todos os annos, n'um certo dia de inverno, se reúnem os principaes habitantes das ilhas, tanto ecclesiasticos como seculares, a fim de assistirem a uma missa solemne, que se diz em consequencia de voto

feito haverá oitenta annos, por occasião d'uma erupção do volcão da ilha do Pico, e d'uma montanha do Fayal que vomitaram lava. Conservam nesta igreja uma imagem do Salvador, que se achou á borda do mar com um braço de menos, e foi para alli levada. Em vão tentaram supprir-lhe a falta com outro braço: a imagem recuzou-se obstinadamente a deixar-se pol-o; mas uma mulher velha e piedosa, que procurava pelo litoral fragmentos de madeira, tristes restos de navios naufragados, achou um bocado de páu, que nunca pôde queimar. Os ecclesiasticos reconheceram nelle um braço, e o applicaram á imagem, que o esperava, e não poz difficuldade á addicção. Eis o que crê, não só o povo mas ainda gente de qualidade da terra. No dia anniversario da reconciliação do ceu levam os frades muitas vezes á roda da igreja esta imagem, e outras de grandes santos. A superstição exaggera as beneficentes virtudes da imagem: a consciencia timida teme naquella dia, que a terra se entreabra para lhe punir as duvidas, e em todos os corações desperta a esperanza de que por seculos está o paiz garantido da destruição. Atraz dos santos corre a multidão dos peccadores, para mostrar arrependimento e reconhecimento. Mas quando a hora do meio dia convida aos prazeres da meza, eos frades levam para o templo os santos fatigados, o povo já expurgado de peccados se entrega aos divertimentos e á intemperança.

Continua.

J. DE TORRES.

RECEIOS.

As vezes quando a teu lado
Comparo a expressão que outr'ora
Tinha o teu rosto adorado
Á sua expressão de agora...

Não sei que tristeza vaga
Que impressão sentida, e funda
O meu coração esmaga!
Oh! mas sei que a alma se inunda
De uma subita amargura,
De uma tal tristesa e dor,
Que toda a luz da ventura
Que me vem do teu amor
Toda com ella se apaga!

Ai! responde minha vida,
Dize tu, ardente chamma
Que em tu peito se accendia,
Já tão viva não inflamma?

—Oh! no olhar que a traduzia
Vejo bem que esmorecida,
Agora jaz,—vejo bem,
E não sintas tu por Deus,
Oh! que o não sinta ninguém,
A dor dos tormentos meus.

Loucuras serão, delirio,
Deste ardente imaginar
Será sim, mas o martírio,
Com que me sinto acabar,
Só tem poder tua mão,
Para de todo o findar
Neste afflicto coração!

Setembro de 1852.

BULHÃO PATO.

O CHOPO E O RIACHO.

Lá nas faldas da montanha
Se ergue um chopo... e que vaidoso
Se remira no riacho,
Onde se espelha orgulhoso!

Altivo alevanta a frente;
Virentes ramos braceja;
A copa sacode irado
Contra a brisa que o bafeja.

O tributo do riosinho,
Que, meigo, aos pés lhe deslisa,
Soberbo de si despresa,
Parece que as agoas pisa.

Louca arvore, transitoria,
És a imagem da vaidade:
Porque desprezas o rio
Que te é de utilidade?

Sua limpida corrente,
Qu'em torno de ti serpeia,
Tanto á urze nutre a seve,
Como ao cedro que campeia.

Tu ja foste arbusto fragil;
Ante a brisa eras medroso;
O riacho ao pé de ti
Era então rio caudaloso.

Hoje que uma folha tua
Lhe turba a pura corrente,
Ufano te pavoneas,
Crês-te já senhor potente.

Ab! deixa vãos pensamentos!
Teu poder não te auctorisa
A desdenhar os pequenos;
Delles tambem se precisa.

A. F.

VIAGEM D'ELREI O SENHOR D. PEDRO V.

AS PRINCIPAES CORTES DA EUROPA NO ANNO DE 1854.

(Continuação).

Na manhã do dia doze partiram para Namur. Elrei, e seu sequito foram recebidos na estação de Taminés pela uma hora da tarde. Uma consideravel multidão os esperava. Visitaram, sem apparato, a aprimorada fabrica de vidros de Santa Maria de Oignies. O seu director offereceu o jantar aos augustos viajantes n'uma das salhas da sua casa, e no emtanto tocou a excellente musica do estabelecimento. Elrei mostrou-se bastante satisfeito e encantado das interessantes operações d'aquella manufacturaria.

As quatro horas continuaram sua viagem, vindo por Charleroi, para Bruxellas, onde chegaram á noute.

Como o dia quatorze d'este mez de Julho era o designado para a saída d'elrei e do senhor infante, despediram-se no dia treze com a maior emoção de sua magestade o rei Leopoldo 1.º, e de sua augusta familia, e pelas dez horas e meia da noute deixaram Bruxellas (1) partindo para Antuerpia (Anvers), o melhor porto, e a maior fortaleza da Belgica.

Os augustos viajantes, por um trem especial chegaram á cidade pelas sete horas e quarenta minutos da manhã. Elrei, o senhor infante e o conde de Flandres estavam vestidos á paisana, e o duque de Brabante com o uniforme de tenente coronel do regimento de granadeiros. Ao descer do comboy sua magestade e suas altas, e sequitos entraram em cinco carruagens da corte, que os condusiram immediatamente ao palacio.

Depois d'um momento de repouso, elrei, o senhor infante, e o conde de Flandres foram em carruagens á Sociedade Real de Zoologia, cujo sub-director, mr. Veke-mans foi agraciado com a condecoração da ordem de Christo. O senhor D. Pedro mostrou ali desejos de possuir alguns passaros raros dos viveiros do jardim, deixando ao consul geral portuguez, o barão de Terwangne a incumbencia de os enviar a Lisboa.

D'aquí foram em direcção ao Museu, onde estiveram tres quartos de hora vendo a rica collecção de quadros: successivamente percorreram o logar dos tanques, o do real deposito d'agua, depois do que visitaram o caes, a casa da Bolça, onde foram recebidos por mr. Marcello, que dirigiu um discurso a sua magestade. E tendo admirado a gigantesca construcção d'este estabelecimento, seguiram á cathedral que estiveram visitando, e donde regressaram ao palacio, em cuja occasião elrei recebeu mr. Quetelet, director do observatorio real.

Foi immediatamente servido o almoço, e ás duas horas se dirigiram ao Circulo Artístico, Científico e Literario, menos sua alteza o senhor infante que ficou no palacio por se achar fatigado (2). Elrei, e sua comitiva saíram a esta visita vestidos com os uniformes militares, e o conde de Flandres trajava a farda de officil superior do regimento de guias. Os illustres visitantes foram recebidos pelo conselho do circulo, e condusidos á sala onde se achavam reunidos os artistas expositores. O senhor D. Pedro, e o conde de Flandres assignaram-se no livro do registo dos membros honorarios, e admiraram um grande numero de quadros que se apresentaram destinados á exposição de Bruxellas. As tres horas terminou esta visita.

Elrei, e os principes, deram então um passeio pela cidade, e ultimamente inspecionaram os trabalhos, e linhas de fortificação; recolhendo-se ao palacio para o jantar, durante o qual tocaram successivamente as musicas dos regimentos n.º 10 de linha e de caçadores. As oito horas a secção de canto do Circulo Artístico, veio ao palacio, e obteve a honra de tocar uma serenata.

Concluido este acto teve logar ás nove horas da noute o embarque d'elrei de Portugal e do senhor infante. Abraçando affectuosamente a seus augustos parentes, acompanhados por elles e por muitos funcionarios, e empregados da legação, embarcaram no hiate a vapor (*yacht royal*) da marinha Hollandesa—De Leeuw—que os devia condusir a Rotterdam.

Os navios ancorados no rio, saudando o rei de Portugal na sua passagem, se embandeiraram, bem como as casas dos agentes consulares.

Eram duas horas da madrugada do dia quinze, quan-

do o vapor largou Antuerpia, e descendo o Escalda, se dirigio ao reino dos Paizes Baixos.

No mesmo dia quinze de Julho, pela uma hora da tarde, o hiate real—De Leeuw—chegou a Rotterdam.

A chegada d'elrei o senhor D. Pedro 5.º foi annunciada por uma salva real da fragata hollandesa do registo. O barão d'Aylva de Pallant, primeiro camarista do rei dos Paizes Baixos, Guilherme 3.º, e o almirante de Karnecheik, vieram logo d'ordem do seu soberano, apresentar-se a bordo, afim de ficarem em serviço aos reaes hospedes, durante a sua residencia na Hollanda. O mesmo praticou o encarregado dos negocios do Brazil, e o consul geral portuguez em Amsterdam.

Elrei e o senhor infante, esperados por um immenso concurso, desembarcaram um pouco depois, entrando nas carruagens reaes, que os levaram e ao seu sequito, á estação do caminho de ferro, onde todas as authorities de Rotterdam, se achavam reunidas para saudarem o monarcha portuguez.

Pelas duas horas da tarde partiram para Haya, onde chegaram pelas trez, alojando-se no palacio da Boa-vista (*Hotel de Belle-Vue*) em cuja frontaria tremulavam as bandeiras de Portugal, d'Orange, e dos Paizes Baixos. Uma companhia de granadeiros formava a guarda de honra do palacio. (1)

Elrei foi immediatamente visitado pelo principe Guilherme Frederico Carlos, tio de sua magestade hollandesa Guilherme 3.º, que o convidou a jantar na sua casa de campo em Huister Pow, para onde sua magestade fidelissima, e o senhor infante partiram, recebendo igualmente os cumprimentos do principe Guilherme Frederico Henrique, irmão do rei. Depois o senhor D. Pedro, e seu irmão honraram o theatro francez de Haya.

No domingo deseseis, ás seis horas da manhã, partio elrei e o senhor infante pelo caminho de ferro de Arnekim para o palacio real de Loo, na provincia de Gueldre, onde habitava o rei, chegando ahi pelas quatro horas da tarde.

Elrei e a rainha dos Paizes Baixos (2) fizeram-lhes uma recepção muito expressiva e affectuosa. Acompanhados pelos principaes dignatarios da casa real, vieram esperar elrei de Portugal, e o senhor infante á porta do palacio.

Depois de terem recebido nesta entrevista os altos funcionarios da corte, se retiraram os augustos viajantes para os aposentos, que no paço lhes estavam preparados, empregando sua magestade hollandesa as melhores e mais delicadas maneiras, e não duvidando expressar que tinha a vinda d'elrei fidelissimo aos seus estados como um dos factos mais memoraveis do seu reinado. A rainha igualmente desenvolveu a maior amabilidade na hospedagem dos nossos principes.

Em se dispondo a hora do jantar sua magestade o rei Guilherme 3.º, veio offerecer a elrei de Portugal e ao sr. infante a Grã Cruz da Ordem do Leão Neerlandez, com cujas insignias se apresentaram ao jantar que immediatamente se seguiu, usando sua magestade hollandesa a banda e insignias das tres ordens militares portuguezas.

No meio do jantar, Guilherme 3.º, se levantou, e pronunciando em curto discurso, exprimiu novamente a satisfação que tinha em gozar a companhia de seu augusto alliado o rei de Portugal, propondo-lhe uma saude. O senhor D. Pedro v n'um eloquente e muito feliz improviso, agradeceu esta saude com os termos mais lisongeiros, propondo uma outra saude a elrei, e á rainha dos Paizes Baixos.

Terminado o banquete real o rei Guilherme e sua esposa, foram com sua magestade fidelissima, e o senhor infante, n'uma carruagem descoberta ao bosque de Saeringen, onde tiveram d'admirar as variadissimas plantações e a bella vegetação d'aquelle sitio da provincia de Gueldre.

Á noite houve recepção no palacio, á qual concorreu a corte, e a comitiva portugueza, sendo que o duque da Terceira, o visconde da Carreira, e o visconde de Scissal, appareceram com as cruces da Ordem de Leão Neerlandez, o barão de Sarmento com a insignia de grande official, e o coronel Folque, com a de commendador da ordem da coroa de Carvalho, mercê que sua magestade hollandesa lhes fez neste dia.

No dia desesete pela manhã, ás oito horas, sahiu elrei do palacio de Loo, e se dirigiu a Amsterdam, chegando ahi ás duas horas da tarde. Alojaram-se no paço que para esse destino estava preparado. Viram os estabelecimentos publicos mais notaveis, entre os quaes o jardim botanico, onde pelos respectivos directores foi muito apreciado o desenvolvimento e conhecimentos que elrei mostrou neste ramo da sciencia (3).

A real comitiva regressou na terça feira, desoito, á corte de Haya, passando por Haarlem, onde se demorou algumas horas unicamente para verem a Cathedral, e ouvir tocar o seu tão afamado orgão. Á tarde chegaram a Haya e paço real.

No dia seguinte de manhã elrei de Portugal recebeu os ministros d'estado do gabinete hollandez e o corpo di-

(1) Assim occupou elrei de Portugal o mesmo palacio que havia habitado o imperador da Russia, Nicoláo 1.º—o rei de Wurtemberg Guilherme 1.º,—a rainha viuva d'Inglaterra,—o principe real de Suecia e Noruega,—e sua alteza o Sherif-Pachá.

(2) A rainha é Sophia Frederica Matilde, filha de Guilherme 1.º rei de Wurtemberg; prima coirmã da duquesa do Brabante, esposa do principe real da Belgica.

(3) Elrei o senhor D. Pedro nomeou Grã Cruz da Ordem da Torre Espada ao general de cavallaria, conde de Douceau, chefe da academia militar d'elrei Guilherme 3.º

plomatico, junto a esta corte. Ao meio dia foi a Leyde, a fim de ver a Universidade, a primeira da Hollanda, e mais curiosidades daquella cidade. Á noite jantaram com o irmão do rei, o principe Henrique no seu palacio, a que assistiu o principe Frederico e sua esposa.

Finalmente o senhor D. Pedro v, e o senhor infante partiram no dia vinte para Rotterdam, e ali embarcaram novamente no hiate real hollandez—De Leeuw—subindo o Rheno para Dusseldorf, cidade e porto fluvial do reino da Prussia.

No dia vinte e um de julho o hiate real chegou ao porto de Dusseldorf pelas seis horas da tarde. Logo veio ao caes, o principe de Hohenzollem, commandante daquelle divisão militar, o prefeito, e varios officiaes para receberem sua magestade, e lhe prestaram as honras proprias de sua alta jerarchia, tendo ido a bordo o encarregado da legação portugueza na corte de Berlin.

Como porem elrei e o senhor infante se achavam alguma cousa incommodados da viagem, preferiram pernoitar a bordo, pelo que o seu desembarque só teve logar na manhã do dia vinte e dois.

Chegando a Potsdam o comboy que condusia o rei e o senhor infante, foram estes logo cumprimentados pelo marechal conde Dhna, camarista mór d'elrei da Prussia, e chancellor da ordem d'Agua Negra, e por varios officiaes, que os esperavam, e poseram á sua disposição a berlinda real, em que tiveram de proseguir até Berlin.

Entrando nesta capital aposentaram-se no hotel britanico; e logo um tenente general, um coronel, e um major do exercito prussiano foram collocados por determinação do seu soberano ás ordens, e em serviço de sua magestade fidelissima.

Na manhã do dia vinte e tres ouviram missa na capella catholica de Berlin, e logo depois os augustos viajantes receberam a visita real de sua magestade Frederico 4.º, rei da Prussia, que veio expressamente a Potsdam para effectuar este cumprimento, com seus filhos os principes Alberto, Frederico Guilherme, e Adalberto. Em seguida acompanharam a elrei, e ao senhor infante ao palacio de Potsdam onde estava a familia real para ter logar o jantar de cerimonia. Nesta occasião os reaes hospedes foram agraciados com a Grã Cruz da ordem da Agua Negra, e foram acolhidos e tratados com o maior affecto e desvello tanta da parte d'elrei da Prussia como da rainha (1). Os principes e mais notabilidades d'este paiz entretiveram com sua magestade fidelissima e o senhor infante as mais agradaveis relações de estima e respeito. Voltando a Berlin á noite, foram, na companhia do principe Frederico Alberto ao theatro real.

Pelas nove horas do dia vinte e quatro teve logar uma parada militar de toda a guarnição ordenada em honra de elrei fidelissimo. As tres da tarde houve no paço real da corte um grande jantar.

Sua magestade o rei da Prussia tencionava partir immediatamente para Munich afim d'assistir á inauguração da exposição industrial d'Allemanha, para que tinha sido convidado por elrei da Baviera Maximiliano 2.º, e por isso forçoso foi que o senhor D. Pedro v abreviasse a sua sahida de Berlin.

No dia vinte e oito de Julho elrei e o Senhor Infante seguiram para Gotha, capital dos Estados de Coburgo, onde chegaram á noute por Erfurt. Ali foram recebidos na estação por sua alteza real o duque reinante de Saxe-Coburgo-Gotha, que os condusio ao palacio de Reinhardtsbrunn, situado n'um dos logares mais pitorescos das florestas de Thuringia.

N'este castello se demoraram os principes para gosarem a apetejada companhia, e o tracto familiar de seu augusto avô, e seu tio o principe Leopoldo Francisco Julio de Saxe Coburgo e mais familia, recebendo a visita de varios personagens, parentes, e amigos da casa ducal. Logo se reuniram ali o principe de Leiningen, os duques Ernesto, Alexandre, e Philippe de Wurtemberg, seus primos; e a familia real de Parma seus alliados. O principe Augusto Luiz Victor de Saxe-Coburgo-Gotha, irmão d'elrei o senhor D. Fernando, veio logo de Vienna para associar tambem com os seus augustos sobrinhos.

Sua magestade fidelissima, experimentando a satisfação de estar entre os seus, e de ver os estados de sua familia paterna, teve todavia de soffrer um incommodo de saude, tanto que para seu tratamento foi preciso addiar até mais tarde a sua partida para Vienna.

Foi no dia onze de Agosto que teve logar a saída de Gotha. O ministro portuguez, Soares Leal, residente em Vienna d'Austria partio no dia treze para Dresde, indo á fronteira esperar elrei e ao senhor infante, o que effectouo acompanhado pelos empregados da Legação, conselheiro Dietz, e pelo encarregado dos negocios do Brazil.

No dia quatorze pelas duas horas e meia da tarde chegaram a Praga, antiga capital do reino da Bohemia, situada ao longo das margens do Moldau. Ao apearem-se do coche imperial foram recebidos pelo principe de Liechtenstein, governador militar de Praga, e pelo barão de Meelery, presidente da provincia, general Fidler, gover-

(1) Elrei o senhor D. Pedro, durante a sua estada em Bruxellas, enviou ao magistrado da cidade (Le Bourgmeistre) uma somma de mil francos, para serem distribuidos aos pobres da mesma cidade.

(2) Sua alteza o senhor infante havia de manhã ido, com o barão de Terwangne a S. Willebrord para admirar a magnifica floresta de Victoria Regia—Ali fez aquisição de varias plantas das estufas e o jardineiro-florista de Bencker lhe offereceu uma collecção de plantas indigenas, que seriam depois enviadas a Lisboa.

(1) A rainha da Prussia, Izabel Luiza de Baviera, é tia materna de sua magestade a senhora duquesa de Bragança, viuva d'elrei o senhor D. Pedro 4.º, augusto avô de sua magestade fidelissima. E tambem tia materna do actual imperador d'Austria Francisco José, e da nova Imperatriz: do actual rei da Baviera Maximiliano José da actual rainha da Suecia, do actual rei da Grecia Othon 1.º, irmã da actual rainha da Saxonia.

nador do castello, e generaes conde de Walstein, e de Schutte.

Elrei e o senhor infante, depois de se terem demorado alguns momentos, entraram nas carruagens que os esperavam, e se dirigiram para os aposentos preparados. Nesta tarde viram alguns dos principaes monumentos da cidade, recolhendo-se ás oito horas da noute.

Continúa.

F. J. DA COSTA.

O halito dos lisongeiros é tão putrido, que até contamina o ar que respiram.

CHRONICA SEMANAL

Poucas semanas offerecem a variedade de divertimentos que esta apresentou, primando entre todos a *soirée* das Larangeiras. Foi uma festa animada e brilhante, como as sabem dar os condes do Farrobo, cujo bom gosto é já proverbial na nossa Sociedade.

Começou pela representação de duas comedias, *Cérisette en prison*, desempenhada por uma das filhas do sr. Carlos da Cunha, que apenas conta nove annos de idade; e *Um plano mal traçado*, em que tomaram parte a exm.^a sr.^a D. Magdalena Farrobo, e os srs. conde do Farrobo (Joaquim), Augusto Almeida, Antonio Azevedo, e Alfredo Athaide. Todos executaram os differentes papeis com verdadeira intelligencia e uma distincção que logo accusava a classe a que os actores pertenciam.

Mas, o que é de veras prodigioso e surpreendente é a facilidade com que uma criança de nove annos declama uma comedia em francez com similhante esmero de pronuncia e dicção! Foi ainda mais longe: cantou todos os *Couplets*, e com uma clareza admiravel.

Completo o espectáculo um intervallo *Titi à l'Opera* em que o sr. Alfredo Athaide revelou talento comico.

Notámos na *mise-en-scène* mais gosto, delicadeza e naturalidade do que se encontra no theatro normal, o que nos firma na opinião que sempre manifestámos de que só o sr. Duarte de Sá, podia regenerar a nossa scena e evitar que se annule completamente, o que virá a acontecer continuando no desleixo em que hoje vive, ou para melhor dizer, vegeta.

Seguiu-se á representação o baile que esteve esplendido. O mundo elegante estava quasi todo, ostentando um luxo deslumbrante. É fora de duvida que o donaire reviveu. Os *paniers* resuscitaram e a corte de Luiz XIV parece ser o modelo escolhido. Entre o vestuario daquelle epocha e o que actualmente se vê nas senhoras não ha quasi differença alguma. Observámos mesmo, que houve quem levasse a copia até ao penteadado. Ninon de L'Enclos estava lisongeiramente representada... na formosura.

Tambem a mythologia inspirou as fantasias d'uma belleza do Norte. A corôa de espigas da grega Céres tornou-se em diadema de outra que sem ser grega podia ser deusa, se ainda houvesse disto.

Realçava entre todas a fisionomia e garbo de uma filha das Hespanhas a quem não podemos deixar de conceder as honras de rainha daquelle baile. Imperava pela graça e elegancia, fascinava com os meneios e olhares. Não é a formosura da estatua que resplandece no seu rosto, mas é a formosura da animação que só certas mulheres conhecem e sabem revelar. Não atráe o enlevo mas aquece o enthusiasmo. Os cinzeis de Phidias e Praxiteles não modelaram collo mais formoso nem figura mais esbelta. O proprio alabastro inveja-lhe a alvura.

Ninguem se recosta com mais voluptuosidade n'uma ottomana. A odalisca não se reclina com mais vaporosa morbidez; as almofadas obedecem-lhe, enlaçando-a airoosamente. Junta a isto o sangue hespanhol que lhe pula nas veias e lhe anima o menor gesto e movimento.

Ha um composto de malicia e doçura no seu semblante; ha do anjo e do demonio no todo.

Quando finda a *soirée* retiravamos para casa e encostados no fundo da carruagem nos recordavamos desses *toilettes* deslumbrantes que lá tinhamos admirado, lastimando a alguns a sorte, mas absolvendo-os á vista do bello matiz que produziam, embelezando por esta forma o conjunto da reunião, démos de repente com os olhos n'um amigo nosso, que ia sentado defronte e não podíamos conter uma gargalhada.

—De que te ris? me perguntaram em côro os meus tres companheiros.

—«Foi uma idéa que me passou pela cabeça?»

—«Uma idéa, só, a estas horas, e á sahida d'um baile?»—exclamou o mais satyrico dos tres. Has de dizel-a.

—«Não val a pena.

—«Tem paciencia, não acredito. Estamos em S. Sebastião da Pedreira, e desde as Larangeiras tens vindo tão silencioso que me faz crer que toda esta distancia viesse a ruminar a tal idea. Ora uma idéa que gasta tanto tempo a sair, deve ser uma grande idéa.

—«Estás enganado. É uma triste idéa.

—«Melhor. A noite está escura, convida ás idéas negras.

—«É uma triste idéa, repito, e veio-me, olhando para ti.

—«Para mim! retrucou o meu amigo, meio desapontado.

—«É verdade.

—«É o mesmo; diz.

—«Lá vai. Reparáste nas tendencias da moda para a epocha de Luiz XIV naquelles donaires e louçanias que as senhoras hoje apresentavam? Reparáste no contraste que o nosso trage fazia com tudo aquillo? É natural. Espirito observador e analytico, como tu és, não te devia escapar. Pois aqui tens a idéa que me despertou a gargalhada homérica que soltei; foi a idéa de uma casaca ao lado dos caprichosos e fantasticos arabescos que guarnecem as sedas multicôres que apparecem n'um baile. Bem diz um espirituoso amigo nosso, que, os trages masculinos foram inventados pelas mulheres para conservarem a vantagem da graça e por consequencia a dominação absoluta. Justifica elle o seu paradoxo, que talvez o não seja, citando os soberbos Palikares. Todos sabem que são typos de formosura as gregas, e os gregos entusiastas dos ornatos pittorescos. Nos pontos em que se conserva o trage nacional são os gregos que andam enfeitados e garbosos e são as gregas que os admiram. Segue-se disto que as donzellas da Grecia sollicitam os maridos com a humildade da dependencia, e que realzado o enlace o conjuge reina e governa em casa. Com a estúpida invenção das nossas casacas e chapéus succede exactamente o contrario, diz este amigo. O pretendente é martyr, e depois de marido, martyr duas vezes. Reina e não governa, e mais frequentemente não governa nem reina. É a realza constitucional levada ao extremo da perfeição. Tudo isto porque? conclue o nosso amigo filosofo.

Porque a elegancia é despótica e por que as mulheres a reservaram para si, deixando aos homens os parlamentos, os batalhões, o jury e os empréstimos—os empréstimos sobre tudo.

—«Logo deves a tua idéa á minha casaca.

—«Exactamente.

—«Do chapeo d'um ministro é vulgar sahirem idéas... parlamentares; da casaca dos escriptores nunca saio senão uma...

—«Qual?»

—«A de a virar.

—«Mas da d'um poeta satyrico pode nascer outra; a de abolir a sobredita...

—«Idéa?»

—«Casaca, pelo ridiculo.

Em beneficio de Saint-Léon houve em S. Carlos um espectáculo monstro. Concorreram diversas companhias. A miscellanea tinha atrahido da outra vez o publico, tentaram segundá experiencia. Produzio o effeito desejado; esteve uma enchente. É innegavel influencia do cartaz de fortes dimensões. A quantidade attráe mais, do que a qualidade: está provado.

Abrio o espectáculo a companhia lyrica cantando o primeiro acto do *Nabuchodonosor*. Rosa recitou depois a bella poesia de Mendes Leal *Ave Cesar*. Quasi todos conhecem esta admiravel produção lyrica, e é o que valeu ao poeta, pois d'outra forma ficariam ignorando n'aquelle noute o seu reconhecido valor. Os esforços do actor para se fazer ouvir foram baldados; as vastas dimensões da sala não o permitiram.

Quem alcançou um exito brilhante e merecido foi o distincto actor Taborda. Na engraçada scena as *Reflexões d'um bailarino*, desafiou o riso de bom gosto e colheu espontaneos e unanimes applausos.

Outro tanto não aconteceu ao *Occaso d'uma estrella*, que foi a comedia que apresentou o theatro normal. Censuramos a pateada, em consequencia dos artistas terem ido ali obsequiar o beneficiado, mas não podemos deixar de reprovar a escolha da peça. Custa a crer que a direcção da nossa primeira scena dramatica não se envergonhe de apresentar similhante versão! Bem ou mal, queriamos ouvir fallar portuguez. Justifiquem n'isto ao menos o rotulo de normal que lhe poseram.

Saint-Léon tocou umas variações de rebecca sobre motivos da *Favorita*, com bastante delicadeza e gosto.

Ainda o *Croque-Poule* veio legitimar mais o seu merito a S. Carlos, onde conquistou novos applausos. Rosier quando escreveu esta comedia estava verdadeiramente em vés.

Falta-nos só fallar da nova composição de Saint-Léon, *Stradella*. Não diremos que está na altura de outras do distincto coreographo, mas não deixa de proporcionar ao expectador meia hora de agradável distração. Das ultimas danças que tem subido á scena é esta a mais adequada ao genero de mlle. Fleury. O passo da espingarda é bem executado pela formosa dançarina que se desenha com extrema correcção no adagio, para o que contribue excessivamente a belleza das suas formas e a nobreza e garbo da sua figura. A *styrienne* dançada pela mesma e Saint-Leon é dos passos em caracter mais chistosos que temos visto, e agradou muito.

Na quinta feira circulavam pelas ruas de Lisboa cartazes ambulantes enfiados ao pescoço de varios homens. Annunciavam a grande festa que vai haver no Passeio Publico, em beneficio das casas d'Asylo da infancia desvalida.

É mais um pensamento philanthropico que honra o sr. Vianna Pedra, incançavel pugnador d'esta valiosa obra de caridade. Trabalha pela prosperidade d'aquelle estabelecimento com todo o empenho de uma alma elevada. Não se poupa a fadigas nem desanima em frente de difficuldade alguma, quando vê que o resultado de qualquer idéa que o seu coração lhe inspira pôde contribuir para o desenvolvimento de tão piedoso instituto.

Eis o programma:

De dia: a 13, 14 e 15 de junho de 1836

Entrada franca.

Encontrar-se-hão os seguintes entretenimentos:

Rifa dos objectos expostos no bazaar com interesse em uma

Loteria do orgão e polyorama;

Orgão com 24 peças de musica e 8 automatos;

Polyorama com 2 vistas de 5 effeitos cada uma, novidade premiada na exposição universal de Paris;

Tiro ao alvo (espingarda de pressão para creanças)

com pequenos premios para os que n'elle acertarem;

Telegrapho electrico para se vêr como trabalha, e para transmittir perguntas e respostas dos concorrentes;

Musica, executada por bandas militares.

À noite; entrada a 200 rs.

O Passeio estará todo alumiado.—A rua do centro terá 400 luzes de gaz.

Alem dos entretenimentos do dia haverá:

Fogo de artificio, do pyrothechnico mr. Turnour.

Luz electrica de uma força ainda não vista em Portugal.

Repucho com luz (hydropyrico).

Córos acompanhados de orchestra.

Rivalidade musical, concurso das bandas militares a 3 premios: um de 96\$000 rs. outro de 67\$600 rs. e outro de 38\$400 rs.; para os que melhor desempenharem a celebre marcha de Meyerbeer «Aux Flambeaux».

A novidade desta festa e o fim que a promove, são duas poderosas recommendações.

No theatro do Gymnasio deu-se a comedia em 4 actos —O duque de Roquelaure ou o homem mais feio de França— em que o actor brasileiro o sr. Germano Francisco de Oliveira desempenhou o papel de protagonista. Não assistimos á representação, mas consta-nos que o distincto artista obtivera iguaes applausos aos que tinha alcançado na *Gargalhada*. Iremos vel-o para então o julgarmos.

ERNESTO BIESTER.

BIBLIOGRAPHIA.

OBRAS PUBLICADAS PELO EDITOR DA ILLUSTRÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.—RUA AUREA, 227 E 228.

PANORAMA, semanario de instrucção e litteratura, redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de fol., com excellentes gravuras em madeira. Preço por anno, em Lisboa, 1\$300 rs.; semestre, 700 rs.; nas provincias, por anno 1\$570 rs.; semestre 830 rs.

Publicou-se o 21.º n.º do 13.º vol., 5.º da presente serie.

UM QUADRO DA VIDA, drama em 5 actos, por Ernesto Biester. 1 vol. 8.º fr. br. 480

VIDA DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO, por L. A. Rebello da Silva. 2 vol. em 8.º fr. br. 960

Esta excellente obra, saudada com unanime elogio pela imprensa periodica, constitue a primeira parte dos *Fastos da Igreja* do mesmo auctor.

RUDIMENTOS DE ECONOMIA POLITICA para uso das escolas por F. A. Marques Pereira. 1 vol. 8.º fr. 200

ADDIÇÕES AO MANUAL DO TABELLIÃO, por F. V. da S. Barradas. 1 vol. 8.º fr. 200

POESIAS, de L. A. Palmeirim. 2.ª edição augmentada. 1 vol. 8.º fr. br. 600

OS HOMENS DE MARMORE, drama em 5 actos por J. da Silva Mendes Leal Junior. 1 vol. 8.º fr. 480

O HOMEM DE OURO, drama em 3 actos (continuação do antecedente) pelo dito 1 vol. 8.º fr. 300

A CRUZ, drama em 5 actos por Luiz de Vasconcellos 1 vol. 8.º fr. 320

MEMORIAS DE LITTERATURA CONTEMPORANEA, por A. P. Lopes de Mendonça. 1 vol. 8.º fr. br. 720

MEDICINA LEGAL, por Sedillot; traducção do Dr. Lima Leitão. 2.ª edição. 2 vol. 8.º fr. 1\$200

A REDEMPCÃO, comedia drama em 3 actos, por Ernesto Biester, com uma introdução pelo sr. Mendes Leal Junior. 1 vol. oit. fr. rs. 360

NATUREZA DAS COUSAS, poema de T. Lucrecio Caro, trad. do Dr. Lima Leitão. 2 vol. 8.º brox. 800

POESIAS DE M. M. Barbosa de Bocage, edição completa em 6 volumes de 8.º fr. 4\$320

A HERANÇA DO CHANCELLER, comedia em 3 actos, e em verso, por J. S. Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.º francez br. 400

OTHELLO, OU O MOURO DE VENEZA, tragedia em 5 actos, imitação por L. A. Rebello da Silva, um vol. rs. 300

A NOCIDADE DE D. JOÃO V., comedia drama em 5 actos, por L. A. Rebello da Silva e Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. 480

DALILA, drama em 4 actos e 6 quadros, por A. de Serpa, 1 vol. 8.º fr. 400

AS DUAS EPOCHAS DA VIDA, comedia em dous actos por Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. br. 240